

25-2-45

# Desorientação

**E**SCREVEMOS no nosso último artigo que os operários, incapazes de seguir as doutrinas por falta de ginástica intelectual, se limitam à observação dos factos e por eles andam desorientados, sem uma doutrina em que acreditem.

Podemos, porém, aplicar idêntica afirmação mesmo aqueles que estão habituados à ginástica intelectual e ao estudo das doutrinas. Raras vezes, com efeito, se deve ter observado, na História do pensamento, uma época de tamanha desorientação como esta.

Com o declinar do século XVIII, nasceu a aurora do individualismo. Toda a orgânica social e política assentou então num princípio-base, numa pedra angular, que passou a reger não só toda a legislação de mais de um século, mas também a própria vida dos Estados, das Famílias, e das sociedades. E era um princípio bem simples, agradável aos olhos cobiosos, como o fruto tentador da árvore proibida. A ordem social e económica, afirmava-se, assenta no instinto providencial do interesse particular. Motor de todo o progresso, criadora do bem comum, realizadora da felicidade das Nações, a iniciativa particular deve ser a tal ponto livre que nem o Estado nem as organizações artificiais a possam impedir de se desenvolver plenamente, na mais pequena parcela da sua actividade.

Não queremos recordar agora toda a miséria moral, material e social que este individualismo acumulou à sua volta. A sociedade assente sobre a mais absoluta liberdade do indivíduo só conseguiu erguer, em pedestais de sangue, a grandeza dos mais fortes. A imensa multidão dos trabalhadores e dos pequenos, — indivíduos também, afinal — foi atrelada ao carrrossel dos grandes.

Mas nem assim, perante o macabro espectáculo, se refizeram do erro os pensadores de então. O individualismo não dera resultado, acrescentavam, porque não era bastante individualista.

E veio então o optimismo de Bastiat e Stuart Mill reclamar mais e melhor liberdade. E, ao lado deles, com mais coração e mais alma, Proudhon sonhava com a extensão dos benefícios da liberdade, posta ao alcance prático de todos os indivíduos, pela supressão do lucro e do próprio Estado, guarda-costas dos opressores.

Como tudo isto não tivesse gerado ainda a felicidade social tão ardentemente esperada, levou-se até ao extremo a doutrina individualista. O homem começou a ter-se como fim de si mesmo, a ser divinizado com o anarquismo, a constituir a única realidade existente, fonte de todo o direito e de toda a moral. Stirner coroa a evolução doutrinar, afirmando que a própria sociedade, a família, o bem comum não passavam de meras criações da nossa desorientada imaginação.

O socialismo reagiu, reforçando o poder do Estado. Ao lado dele, outras correntes, para se oporem à insensatez individualista, começaram a exaltar a comunidade nacional, a elevar, aos seus próprios olhos, a ideia da Nação e da comunidade. Pouco a pouco, subiu tão alto o conceito nacionalista, que a Nação nos aparece personificada, distinta dos indivíduos e superior a eles. Não tarda que o indivíduo desapareça, para se transformar numa simples parcela da comunidade, sem direitos próprios nem destino pessoal. A Nação é er-

guida então a fonte de todo o direito e de toda a moral, única realidade existente, tornada mesmo eterna, e, portanto, divinizada. Mas como a Nação organizada tem o nome de Estado, foi a este que se lhe conferiram todas as honras, todos os poderes, todos os direitos. O Estado começou a ser princípio e fim dos indivíduos. O Estado passou a ser Deus. Mas, não para ainda aqui a evolução doutrinar. Um deus não pode coexistir ao lado de outros deuses. Ou não o é, ou então é único. E começou nova ascensão para a supremacia do mais forte. A ambição do domínio universal está na base desta guerra e é natural consequência dos princípios nacionalistas levados logicamente às suas derradeiras conclusões.

E hoje, andam os homens sem norte nem guia, à procura duma doutrina que os salve do naufrágio universal.

Pobre inteligência humana, que não és capaz, por ti só, de distinguir a verdade do erro, o bem do mal. O teu orgulho foi a tua derrota. Se, humilde conhecedora da tua imensa fraqueza, tivesses mantido a fé na revelação divina, não andarias agora à deriva neste mar encapelado dos teus próprios erros.

Julgaste encontrar a fonte de todo o bem na exaltação do indivíduo, e fizeste por tuas mãos, para ti mesma, um deus bem detestável, criador da imensa miséria da multidão. Vendo o caminho errado que seguias, foste construir um outro deus mais

duro, mais feroz e impiedoso, que te cobriu as carnes de sangue e de lama, e te reduziu a escravatura da sua horrenda tirania.

E agora? Onde te refugiarés? Não te busques a ti mesma, pois talvez encontres, dentro do teu «eu» altivo e orgulhoso, um outro deus pior ainda. Regressa ao bom senso e à pequenez do teu nada.

Do individualismo, aproveita a antiga e cristã ideia da dignidade do homem. Constroi então o futuro na base do maior respeito com que pudes cercá-lo. Sobretudo ao pobre e ao miserável, que hás-de erguer, tornar digno, amá-lo como imagem de Deus que é, servi-lo, porque Deus ensinou que é, servindo-o, que se serve a Ele.

E, da Nação, tira o conceito exacto do bem comum, da solidariedade. Mas não te esqueças que a Nação não existe à parte, não é uma pessoa, e que não tem um fim separado ou diferente dos indivíduos que a compõem. Nem é eterna, nem divina.

Talvez que assim, evites o erro do liberalismo e não caias no poço sem fundo desse horrível nacionalismo marxista ou fascista que nem te deixa a liberdade de pensar, a ti que és pensamento, inteligência, reflexo, apagado embora, da luz divina.

Recolhe-te em ti mesma por fim. Medita na tua pequenez, e não queiras fazer novos ídolos que depois tens de servir como escrava.

Se seguirees este caminho, encontrarás a certeza, e não haverá para ti nem trevas, nem desordens. A luz brilhará diante dos teus olhos, porque Deus exalta os humildes e abate impiedosamente os orgulhosos.

ABEL VARZIM.

de

esp  
ditaCA  
guerr  
comu  
Parla  
defens  
O p  
presid  
hoje,  
claraç  
são 1  
Ahmed  
tadosOs  
ter la  
cas n  
havia  
quand  
gado  
ropa  
ra oO  
també  
Egito,  
que a  
a em  
exemr